

«A rua mais alegre do mundo, a rua onde vivem juntas as quatro estações do ano, a única rua da terra que eu desejaria (que) não acabasse nunca, rica de sons, abundante de brisas, formosa (ou soberba) de encontros, antiga de sangue: a RAMBLA DE BARCELONA». Federico García Lorca (1898-1936)



## paixão de Barcelona, paixão do mundo

**S** seja-me permitido plagiar um conhecido título de Leonardo Boff: **“PAIXÃO DE CRISTO, PAIXÃO DO MUNDO”**. No dia seguinte ao atentado de Barcelona, logo de manhãzinha, **recebi um whatsapp vindo do México com uma foto intitulada: “Todos somos Barcelona”**. Confesso que me emocionei, mesmo não sendo natural de Barcelona. Mais tarde, ocorreu-me esta pergunta: que fazer para que esta bela frase não se torne estéril, meramente histórica, como aquela outra famosa: “Ich bin ein Berliner” de J. Kennedy? Que fazer para **podermos afirmar**, com verdade: todos somos Barcelona, todos somos Manchester, todos somos Lesbos, todos somos imigrantes, todos viajamos em frágeis embarcações, todos somos precários e vivemos com um rendimento inferior, inclusivamente, ao vergonhoso salário mínimo espanhol; todos somos mulheres maltratadas por os que diziam amá-las? ... Todos.

Assim, **nada adianta virem-me com essa bravata de “não temos medo”**. Cá por mim, quero ter medo: não tanto por mim, mas sim pelos meus entes queridos: pelos irmãos, pelos filhos, pelos amigos. Tenho medo por aquela mãe que, quinta-feira, às quatro, ainda não sabia que, em breve deixaria de ver, para sempre, o seu filhinho; pelas crianças que, neste momento, no hospital, engolem lágrimas, à espera de terem notícias do pai ferido com gravidade. E, também, pelos familiares e amigos que, neste momento, as acompanham, a pensar que o mesmo lhes poderia ter acontecido a eles, e sem saber se, um dia, não irão passar pelo mesmo. E pelos muçulmanos que foram os primeiros a apresentar-se para dar sangue para as vítimas, mas que temem que o atentado lhes vá criar dificuldades e despertar ódios, apenas, por serem quem são. **É por todos eles que eu tenho medo. E quero tê-lo.**

Também **tenho medo de que o ódio germine**: é que, no dia seguinte ao dos atentados, recebi, por três vezes, outro *whatsapp*, em que um senhor se dirigia aos terroristas dizendo “maometanos, sois uns filhos da puta, uns cabrões de merda...” e outras frases do estilo, em seu entender, “verdades duras”. Temo que, ao aquecimento climático que já temos de suportar, se venha, agora, juntar o aquecimento afetivo: o do ódio. Oxalá que, também, algum dia nos juntemos todos para gritar: “não temos ódio”.

**São estes medos que me levam a dirigir-me a vós, meus irmãos apesar de tudo, mas insensatos, desmiolados e criminosos membros do Daesh**: Podemos, por um momento, tentar falar como irmãos? Que pretendeis com as vossas inumanas atrocidades? Se me disserdes (o que não creio) que é dar glória a Alá, não compreendeis vós que, em vez de proclamar que Alá é o maior, estais a afirmar, perante o mundo, que Alá é o maior criminoso, e que vós é que quereis ser os maiores? Não compreendeis que, mesmo que a justiça de Deus fosse violenta e castigadora (o que eu não creio), **nunca seria uma violência que se dirige, arbitrariamente, a pessoas inocentes**, cujo único crime é andarem por ali àquela hora? Jesus de Nazaré, a quem venerais como profeta (e que sabe alguma coisa sobre mortes violentas), disse um dia: “está a chegar a hora em que todo aquele que vos dá a morte pensará oferecer com isso um serviço a Deus. E farão estas coisas porque não conheceram nem o Pai nem a mim” (Jo 16, 3). Por favor irmãos, pensai nisto muito a sério: **“conheceis a Deus verdadeiramente?”. Com certeza que NÃO**. Pois não só matais aqueles que considerais inimigos, sem nunca os terdes visto, como todos esses vossos jovens, sem norte nem experiência, **a quem enganais e arrastais para o suicídio prematuro**, a fim de alcançardes os vossos fins; e que, também eles, terão algures uma mãe que, talvez agora, esteja chorando a sua morte.

Se, pelo contrário, como suponho, sois movidos por outros ímpetus de vingança ou de grandeza, prossigamos este nosso diálogo um pouco mais: **é que eu nego-me a acreditar que tenhais perdido todo e qualquer vestígio de humanidade.** Também vós, um dia, tereis trocado um sorriso de ternura com as vossas mães, e tereis tido irmãos e amigos com quem brincastes. Também vós tereis chorados algumas vezes, quem sabe se por nossa culpa. Vamos, então, tentar juntar estas nossas lágrimas em vez das nossas palavras.

Julgo saber o que vos pode ter feito chorar algumas vezes. É significativo que, em todos os atentados selvagens dos últimos tempos, o que menos me tenha agradado tenham sido as palavras dos governantes: não, com certeza, por serem quem são, mas por estarem onde estão. **Todos dão a sensação de dizer, apenas, o que lhes compete dizer.** Em qualquer dos casos, não consigo concordar com esse tópico, repetido por todos eles, de que estes atentados selvagens são “um ataque aos nossos valores”.



Nós, ocidentais, devemos interrogar-nos se não serão, antes, um ataque à hipocrisia **com que pomos os nossos grandes valores ao serviço do enriquecimento próprio (assim como vós pondes Deus ao serviço da vossa maldade).** Enchemos a boca com grandes palavras como democracia e igualdade ou liberdade. Mas, que democracia há na atual UE? As multinacionais (que são os nossos verdadeiros governantes) calcaram aos pés a liberdade, a fim de enriquecer através da opressão e, agora, vemos cerceada a nossa

liberdade por razões de segurança; não serão a causa última, mas sim a primeira das nossas perdas de liberdade. No meu país, gabamo-nos do crescimento económico, mas escondemos que esse crescimento é conseguido, à base da criação de desigualdades, precariedade, salários de miséria e de “ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres”.

**Falamos de globalização para que os nossos capitais possam circular de Singapura a Nova Iorque, mas já não, para que um africano, sem perspectivas de vida, possa vir para a Europa ganhar, simplesmente, a sua vida.** E esquecemos, assim, o que um conhecido sociólogo chamou “África pecado da Europa”, aludindo à partilha da África levada a cabo no século XIX... Invadimos o Iraque, o Afeganistão e apressámo-nos a retirar “respeitosamente”, deixando o país num caos que já não queremos remediar. Arrogamo-nos o direito à posse de armas nucleares, por sermos “os bons”; mas negamos esse direito ao Irão por ser “dos maus”. E somos nós a determinar quem são os bons e os maus... Uma vez mais, as poeiras arrastaram consigo a lama. Na história, as atrocidades nunca nascem de repente: vão crescendo pouco a pouco, silenciosamente.

Creio que não posso ser mais claro. Mas ainda há algo a acrescentar: **a história mostra que todas as revoluções violentas acabam por instalar outras violências semelhantes às que pretendiam combater.** Talvez porque, como explica o grande Paulo Freire (de quem vós nunca tereis ouvido falar), o oprimido tem sempre interiorizada no seu inconsciente a imagem do opressor como o seu modelo de homem, por não ter conhecido outro. Um

imigrante africano, instalado em Espanha, publicou, há anos, um livro, onde se interrogava se estava, de facto, a escrever a partir “do éden”, esclarecendo que de maneira nenhuma queria para a África um modelo de desenvolvimento como o que temos na Europa: porque “esses grandes conceitos nascidos no Ocidente que são, particularmente, atrativos para toda a humanidade, e que poderiam ser um verdadeiro remédio para ela, estão, na prática, falseados, suplantados e pervertidos”. Assim, pois, amigos, a vossa tragédia é que, no fundo, tendes inveja de nós; mas invejais não o melhor, mas o pior de nós. Infelizes.

Creio, pois, que algo daqueles valores continua ainda vivo no meio de nós (embora eu não saiba se não os teremos de levar, rapidamente, à Unidade de Cuidados Intensivos) e que, por isso, a Europa conserva, para além dum atrativo económico, **um atrativo moral, que oxalá nós não acabemos por enterrar**, e que ainda causa inveja a todo os que quiseram acabar connosco...

Se as nossas lágrimas assim se encontrarem, talvez que, também, acabe por se encontrar a nossa dor **pelos danos que nos causamos mutuamente, uns em nome duma suposta crueldade de Deus, e outros, em nome duma real crueldade do Capital**. Então, em vez de assassinatos tão absurdos, talvez acabemos por nos encontrar todos na luta por construir uma civilização da sobriedade partilhada que - não me canso de o repetir - é a única saída que resta ao nosso tão ameaçado mundo.

P.S. Sei que estas reflexões vão ser rejeitadas por muitos. Eu próprio, que as vejo com toda a clareza na minha cabeça, **tenho dificuldade em fazê-las descer ao meu coração**. Por isso peço a todos os que concordem com elas, cristãos ou não, que procurem dar-lhes toda a validade possível. Porque se assim não for, temo que, à alteração climática que já temos de suportar, se siga outra alteração afetiva, que faça subir as temperaturas do ódio.

**José Ignacio González Faus. Teólogo**

<http://blogs.periodistadigital.com/miradas-cristianas.php/2017/08/21/pasion-de-barcelona-pasion-del-mundo> (21/08/2017)

## profanaram as *ramblas*



A atriz MARGARITA XIRGU que, em Dezembro de 1935, estreou, em Barcelona, a obra de FEDERICO GARCÍA LORCA, “Dona Rosinha a solteira: ou a linguagem das flores”, recebia, em cada dia de atuação um ramo sem dedicatória, vindo, depois, a saber que se tratava de uma homenagem das floristas das *ramblas*. Então, Federico e ela própria, decidiram dedicar uma das representações a essas floristas.

Alocação ÀS FLORISTAS DA RAMBLA DE BARCELONA:

Senhoras e senhores:

Esta noite, a minha filha mais nova e mais querida, Rosinha a solteira, menina Rosinha, dona Rosinha, sobre o mármore e entre ciprestes, dona Rosa, quis oferecer o seu trabalho às simpáticas floristas da *rambla*, e sou eu que tenho a honra de dedicar a festa a estas mulheres de riso franco e mãos orvalhadas, onde, de vez em quando, se vê tremeluzir o diminuto rubi causado pela picada de um espinho... A rosa mutável, encerrada na melancolia do Carmelo granadino, quis agitar os seus ramos à beira do lago, para ser vista pelas flores da rua mais alegre do mundo, a rua onde convivem juntas as quatro estações do ano, a única rua do planeta que eu desejaria que nunca acabasse, rica em sons, abundante de brisas, formosa de encontros, antiga de sangue: a *rambla* de Barcelona. Tal como a balança, também a *rambla* tem o seu fiel e o seu equilíbrio no mercado das flores, onde a cidade acorre para festejar batizados e bodas com ramos frescos de esperança, ou banhada em lágrimas e com as fitas de luto das coroas dos seus mortos. Estes espaços de alegria entre as árvores da cidade são o regalo e divertimento dos *ramblistas*, e embora de noite nos pareçam solitários, quase como catafalcos de ferro, têm um ar senhoril e delicado que parece dizer ao notívago: “Ergue-te manhã para nos veres, nós somos o dia.”

Ninguém que visite Barcelona pode esquecer esta rua que as flores transformam numa inesperada estufa, nem deixar de se surpreender pela loucura mozartiana destes pássaros que, embora, por vezes, se vinguem dos transeuntes dum modo pouco correto, dão, em contrapartida, à *rambla*, um ar semeado de prata, e fazem cair sobre os seus amigos uma chuva adormecedora de invisíveis lantejoulas que preenchem o nosso coração.

Diz-se, e com verdade, que nenhum barcelonês pode dormir tranquilo sem passar pela *rambla* pelo menos uma vez, e é o que se passa comigo, nestes dias em que vivo nesta vossa formosíssima cidade. Toda a essência da grande Barcelona. Da perene, da que nunca se deixa subornar, está nesta rua com a sua ala gótica onde se escuta o murmúrio de fontes romanas e alaúdes do século XV, e outra variegada, cruel, incrível onde se ouvem os acordeões de todos os marinheiros do mundo, e onde, ao amanhecer, perpassa um voo noturno de lábios pintados e gargalhadas. Também eu tenho de passar todos os dias por esta rua, para com ela aprender como é possível conservar o espírito próprio de uma cidade.

Amigas floristas, com o carinho com que vos saúdo debaixo destas árvores, como transeunte desconhecido, vos saúdo agora e aqui, esta noite, como poeta, e vos ofereço, com um gesto bem andaluz, esta rosa de dor e palavras: a granadina Rosinha a solteira.

Saudações amigas. Federico García Lorca.

**Estava-se no Natal de 1935. Federico já tinha os bilhetes para ir em digressão pelo México com Margarita Xirgu, mas acabaria os seus dias em Granada... Deixou o Hotel Majestic donde o Poeta viveu, intensamente, a cidade, entre Setembro e Dezembro, e despediu-se daquela Barcelona onde se sentira como um catalão aficionado.**

# Barcelona: o terror e a solidariedade

**O** TERROR SABIA QUE ALI ENCONTRARIA MUITA GENTE. DE INÚMERAS RAÇAS, nacionalidades, proveniências. Gente despreocupada, que vinha de longe para experimentar algo de liberdade, lazer e diversão. Desejavam justamente, em boa parte, experimentar aquele espírito cosmopolita que a cidade de Barcelona oferece hoje talvez mais do que nenhuma outra. E de forma diferente de outras capitais como Nova Iorque, por exemplo.

Na Península Ibérica, em plena Europa Mediterrânea, a capital da Catalunha tem um raro perfil: combina história, antiguidade e tradição com arte, modernidade, arrojo. Podem ser encontrados em Barcelona tesouros de épocas passadas, como a belíssima igreja de Santa Maria del Mar e também monumentos de artistas dos séculos XIX e XX, como a Sagrada Família de Antoni Gaudi. E igualmente a Vila Olímpica com as suas linhas modernas e arrojadas, construída na ocasião das Olimpíadas de 1992.

No coração da Catalunha, a cidade de Barcelona representa a prosperidade espanhola. Desde sempre comerciantes, industriais e laboriosos, os catalães são responsáveis por uma fatia importante da riqueza espanhola que tem conseguido atravessar a crise europeia. Além disso, a cidade é Meca do futebol, com o clube do Barsa, onde até há pouco jogava o craque Neymar, mas onde ainda se encontra o craque argentino Messi. O futebol catalão atrai a sensibilidade desportiva do mundo inteiro.

No meio da leveza e do bem-estar, tudo aconteceu. Foi na *Rambla*, via de pedestres situada no coração da cidade, onde sempre se aglomera grande quantidade de gente, em boa parte turistas que por ali caminham. São famílias, jovens, adultos, uma enorme diversidade, prototípica da época em que vivemos - de globalização e relativização de fronteiras e geografia.

A camioneta terrorista entrou pelo meio da multidão, em zigzag, procurando atingir o máximo possível de pessoas. Arrastou na sua trajetória letal desde crianças de três anos até uma senhora idosa de mais de 70. Separou famílias. Matou e feriu gravemente espanhóis, europeus, e muitos outros de países e continentes mais ou menos distantes. Era mais um atentado do Estado Islâmico, que tem marcado a vida do mundo inteiro com o medo e a apreensão, a todos sobressaltando com a imprevisibilidade e a violência dos seus ataques.

É a segunda vez que acontece um atentado terrorista em Espanha vindo de um grupo radical islâmico. A primeira foi em 2004, com a explosão de vários comboios em Madrid e seus arredores. Mas para a Europa não é a segunda vez. Contam-se já vários atentados em França, na Alemanha, em Inglaterra. E perguntamo-nos apreensivos: quando e onde será o próximo?

A reação da população local e estrangeira de Barcelona foi semelhante à das outras capitais em alguns aspetos: não permitir que o medo tome conta da vida

quotidiana, não se deixar paralisar e seguir com normalidade. Mas distinguiu-se num aspeto: a solidariedade não só de catalães e espanhóis, mas também de estrangeiros residentes e visitantes adquiriu proporções além do esperado.

São incontáveis as manifestações de solidariedade que se seguiram ao atentado. Em 24 horas, chegava a 8000 o número de pessoas que ofereceram acolhimento, ajuda, das mais variadas formas. Desde o momento em que a carrinha riscou a *Rambra* de sangue e pânico e se deteve forçada pela ativação do airbag sobre o mosaico do artista Joan Miró até ao dia de hoje, milhares de pessoas fazem filas para doar sangue ou oferecem as suas casas para alojar as famílias dos feridos que vêm de fora.

Há hotéis que disponibilizaram hospedagem gratuita para parentes de vítimas do atentado, motoristas de táxis e carrinhas que transportam pessoas gratuitamente de um lado para o outro, percorrendo hospitais em busca de seres queridos cujo paradeiro é ignorado. Supermercados oferecem alimentos e géneros de primeira necessidade.



**Não se sente na reação da luminosa cidade catalã raiva ou desejo de vingança.** Mas tenacidade em ajudar, proteger a vida, ali onde ela se fez mais frágil e vulnerável pelo fanatismo assassino que tem causas tão complexas. Muitos muçulmanos manifestaram-se, deixando claro que o Islão não se resume a um grupo radical djihadista. O Islão é e quer paz e não morte e destruição. E mesmo as famílias dos terroristas sofrem as consequências do seu fundamentalismo que se torna violento e acaba por atingi-las.

O recado dos djihadistas parece claro: na tentativa de islamizar o mundo inteiro, eliminam aqueles que não são islamizados e atacam os locais e ícones simbólicos do estilo de vida ocidental, diferente daquele por eles proposto e idealizado.

O que mais nos intriga, porém, é o facto de tudo isto acontecer em nome de Deus. O Deus Uno, o Deus Grande, o Único, que é clemente e misericordioso. No meio da dor e da perplexidade de mais um atentado assustador e inexplicável, vemo-nos diante de uma interrogação para a qual não temos resposta. Até quando? Por quê? Que sentido tem tudo isto?

Enquanto não se encontram soluções que sejam ao mesmo tempo eficazes e pacíficas e não penalizem inocentes, a melhor atitude é a que o povo de Barcelona e os seus amigos encontraram: ser solidários, entrar em comunhão. Ajudar, prover, proteger e socorrer. Fazer do atingido um irmão, não importa de onde venha, nem para onde vá. Assim se reafirma a condição humana de todos que foram atingidos, seja perdendo a vida, sendo feridos, traumatizados, ou sofrendo profundamente perdas e danos. Somos todos um e estamos em comunhão. Isso é ser imagem daquele que nos criou à sua semelhança.

Atingida e sangrando, a bela Barcelona dá um testemunho ao mundo da fé em que o bem é capaz de vencer a violência e o amor é mais forte do que a morte.

Maria Clara Luchetti Bingemer, Teóloga

<http://www.periodistadigital.com/religion/opinion/2017/08/24/barcelona-o-terror-e-a-solidariedade-iglesia-religion-dios-jesus-papa-barcelona-catalunya.shtml> (24/08/2017)

**memória**

# Catedral da Sagrada Família



**A** primeira pedra para a construção do **TEMPLO EXPIATÓRIO DA SAGRADA FAMÍLIA** [19 de março de 1882], o mais emblemático *ex-libris* de Barcelona, foi lançada há 134 anos, mas o fim desta imponente obra da criatividade humana só deverá ocorrer, segundo as previsões, após 2026. Fruto da genialidade de ANTONI GAUDÍ, o mais ilustre arquiteto de Barcelona e uma figura universal da arquitetura moderna, que a ela dedicou 40 anos da sua vida, o projeto da Catedral consiste numa grande igreja com uma planta em cruz latina e torres altas, concentrando uma importante carga simbólica tanto do ponto de vista arquitetónico como escultórico, que tem como objetivo último explicar os ensinamentos dos Evangelhos e da Igreja católica. Para a sua execução, Gaudí rodeou-se de um vasto leque de conceituados artistas, escultores e modeladores. Prosseguida por sucessivas gerações de discípulos de Gaudí após a sua morte num acidente de viação, em 1926, a obra, imponente e de rara beleza, ficará concluída com a construção da fachada principal, a fachada da Glória, e contará com 18 torres de 125 metros de altura.